



Remédios do Hran diminuem em 50% licenças para tratamento de pele

## Qualidade no atendimento <sup>103</sup>

Para Luís Gonzaga Guimarães, de 46 anos, — um dos responsáveis por essa nova mentalidade na farmácia do hospital — além da economia com a fabricação própria, foram os pacientes na verdade os maiores ganhadores. A vitória consiste na diminuição do sofrimento e na qualidade do atendimento.

“Era um problema sério. Quando a Fundação Hospitalar liberava o dinheiro não tinha o produto disponível; quando tinha o produto não tinha o dinheiro”, lembra Guimarães.

Mas “essa nova mentalidade” não foi de graça. O hospital teve que passar por momentos críticos para tomar uma atitude radical. Um acidente em 1989 com um caminhão com 100 bóias-frias capotou no entroncamento Cruzeiro-Setor de Indústria (ainda não havia o viaduto Ayrton Senna). Foi o primeiro sinal de que alguma coisa precisa ser feita.

“Recebemos 47 pacientes queimados gravemente. Mais 20 foram encaminhados para o HFA (hospital das Forças Armadas) e o resto espalhados por outros hospitais da rede. Não tínhamos estoque suficiente atender os pacientes queimados. Vinte e sete morreram”, conta Guimarães.

A partir desse episódio, a equipe de farmácia do Hran — dois farmacêuticos e cinco auxiliares — sentiu que poderia fazer alguma coisa. Reuniu-se, discutiu com a direção e hoje produz seus próprios medicamentos.

De acordo com valores da Cen-

tral de Diluição, a economia feita pelo hospital com pomadas e cremes para queimados é na ordem de R\$ 80 mil mensais. Com isso, a Fundação reverteu as economias em compras de equipamento e o paciente ganhou.

“Até novembro deveremos receber dois pedidos de equipamentos. Um misturador de pomadas e uma máquina para encher bisnaga. Isso diminuirá o tempo que gastamos hoje para fazer e embalar os cremes, em média quatro horas, pela metade”, antecipou ao Correio o chefe da Central de Diluição, Luís Gonzaga Guimarães.

### NOVIDADE

E as novidades não param por aí. O Hran começou a produzir,

em caráter experimental, na Central de Diluição o gel para usar em exames de ecografia, nos raios-x e na cardiologia.

“Muitas ecografias foram suspensas porque o gel estava faltando”, atesta Guimarães. O gel é usado para evitar o contato entre a pele e o eletrodo (apar-

relho usado no exame).

O litro do produto, comprado por licitação de uma firma no Espírito Santo, saía por R\$ 22 a unidade, isso embutidos os valores da embalagem e do frete. No Hran, o mesmo litro, custa R\$ 0,50 e um detalhe: não há demora para chegar ao hospital.

O objetivo é fabricar 10 quilos por mês do gel. “Não há dificuldade em fazê-lo. Em quinze minutos o gel está pronto”, garante o chefe da Central.

“QUANDO A FUNDAÇÃO HOSPITALAR LIBERAVA O DINHEIRO, NÃO TINHA O PRODUTO DISPONÍVEL; QUANDO TINHA O PRODUTO, NÃO TINHA O DINHEIRO”,

Luís Gonzaga Guimarães  
Responsável pelo programa do Hran